

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O KINO: HISTÓRIA(S) DO CINEMA ALEMÃO
11 de Fevereiro de 2023

HITLER'S HOLLYWOOD / 2017

Um filme de Rudiger Suchsland

Realização e Argumento: Rudiger Suchsland / Som: Linus Nickl / Montagem: Ursula Pürrer.

Produção: Looksfilm - ZDF/ARTE / Produtores: Gunnar Dedio e Martina Haubrich / Cópia digital, colorida, falada em alemão com legendagem electrónica em português / Duração: 105 minutos / Inédito em Portugal.

Vimos ontem, aqui nesta sala, o precedente filme de Rudiger Suchsland, **Von Caligari zu Hitler**, onde o autor, partindo do célebre e homónimo livro de Siegfried Kracauer, abordava o cinema alemão do período da República de Weimar, entre o final da I Guerra e 1933, ano da ascensão dos nazis ao poder. **Hitler's Hollywood** é a sequência lógica desse trabalho, focando aquele que ainda é um continente razoavelmente desconhecido do cinema europeu e em particular do cinema alemão: a produção cinematográfica do III Reich, entre 1933 e 1945.

É ainda a Kracauer que Suchsland vai encontrar o mote para esta abordagem. A sua ideia, citada no filme, de que o cinema é um "sismógrafo", um revelador do subconsciente cultural de uma sociedade em cada dado momento. O desafio, portanto, é olhar para o cinema nazi para além da propaganda, pelo menos dos aspectos mais óbvios e declarados dessa propaganda - neste contexto, Leni Riefenstahl não é mais importante do que Marika Röck, por exemplo - e encontrar na vasta produção ficcional do cinema nazi (1000 longas-metragens de ficção, refere o filme, portanto quase 100 por ano: é muita coisa) os sinais desse "subconsciente cultural", os pormenores que dizem algo sobre a vida, inclusive a "vida psicológica", durante a vigência do regime hitleriano, e o modo como o cinema foi reflectindo a ascensão e a fragorosa queda do nazismo.

Quer fale dos primeiros esforços deliberados da propaganda desenhada por Goebbels (o "verdadeiro *auteur*" do cinema nazi, diz o comentário), como **Hitlerjugende Quex** de Hans Steinhoff, em 1934, quer fale da grandiosa e orgulhosa encenação da derrocada nos anos finais, como **Kolberg**, de Veit Harlan, em 1945, onde se profetiza que das cinzas nascerá, "como uma Fénix", um "novo Reich", as observações de Suchsland são sempre afiadas, certas e apoiadas numa cirúrgica escolha dos fragmentos de filmes que são incluídos na montagem - aliás, a escolha é tão cirúrgica e tão significativa que o seu efeito colateral imediato é a reavivar a vontade de um ciclo sobre o cinema alemão 33-45, em que aliás nesta casa se pensa já há décadas. A posição de Suchsland, a observação deste cinema para além da propaganda, e portanto não apenas como veículo ideológico mas, de certa forma, como "vítima" dessa ideologia, favorece uma ideia pouco expandida: a de que é possível retirar prazer estético e prazer intelectual desta filmografia, e que nos casos mais abjectos (**Jud Suss** de Veit Harlan ou, que parece ainda mais asqueroso, **Der Ewige Jude** de Fritz Hippler) em que nenhum "prazer" é possível, resta sempre o interesse histórico, o "documento", a dimensão "sismográfica".

Falámos de Veit Harlan, que o filme apresenta, sem ambivalências, como o principal cúmplice cinematográfico do III Reich, alguém cuja obra "faz corpo" com o regime hitleriano e não se pode desligar dele. Em grande parte, o cinema do III Reich foi um cinema dos "que ficaram", dos que por uma razão ou por outra não emigraram como sucedeu com os maiores nomes do cinema de Weimar.

Dos que ficaram lá durante algum tempo - como Detlef Sierck, futuro Douglas Sirk - e depois saíram, daqueles que as circunstâncias obrigaram a permanecer na Alemanha, como o caso de G.W. Pabst. Sem que isso faça deles "nazis", antes gente obrigada a um jogo de equilibrismo. Suchsland apresenta, para Pabst, o caso do seu **Paracelsus**, de 1942, convictamente defendido como uma crítica da "hipnose colectiva" em o III Reich lançou a população alemã. Ou o "mefistofélico" Gustaf Grundgens, uma das mais complexas e intrigantes figuras do período, um "Janus" como o filme lhe chama, a usar o seu estatuto para lançar algumas provocações ao regime. Mas, mais convictamente ainda, o caso de Helmut Kautner que Suchsland apresenta (a propósito de filmes como **Unten den Brucken** ou **Grosse Freiheit n°7**) como o mais genuíno "cineasta anti-nazi" a trabalhar em pleno sistema nazi.

Um dos aspectos que Suchsland destaca como subjacente à generalidade deste cinema é uma "alegria exagerada". Aponta a exibição dessa "alegria" como uma característica que percorre todo o cinema alemão neste período, visível sobretudo nos extraordinários musicais (como **Die Frau Meiner Traume**, de Georg Jacoby, que a Cinemateca já mostrou várias vezes) capazes de criar uma realidade paralela e alternativa, sem sombra de guerra. Essa alegria exagerada não era mais, conclui o comentário de Suchsland, do que a manifestação de uma profunda infelicidade - o exagero da alegria a compensar a ausência de alegria. Vê-se isso muito bem, nos rostos por exemplo, na sombra trágica que parece estar sempre contida nas feições dos homens e das mulheres. Contar a história da "Hollywood de Hitler" é contar a história de pessoas infelizes, a cantar e a dançar em cima de um chão que estava prestes a abrir-se debaixo deles.

Luís Miguel Oliveira